

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Adha de São Paulo Class.: 02

Data 16/07/78 Pg.: _____

A Ocupação da Amazônia FSP 16.7.78

ALDO VIEIRA DA ROSA

O que fazer com a Amazônia é uma questão que não pode ser deixada nas mãos dos tecnocratas; ela precisa ser amplamente debatida por todos, pois a todos afeta.

Há duas linhas de pensamento distintas. A linha ecológica defende a idéia de se deixar a área intacta, preservando-a como um imenso parque. A linha que se preocupa com a "ocupação da Amazônia" é impulsionada por motivações as mais heterogêneas.

Alguns, usando conceitos do século passado, se preocupam com a idéia de soberania e temem o "vácuo territorial" capaz de despertar a cobiça estrangeira. Dentro do contexto da política internacional presente, não há, é claro, possível ameaça à soberania brasileira sobre a área em causa. Nesta época em que nações muito menos poderosas do que o Brasil conseguem afirmar sua independência perante o mundo, é difícil aceitar a plausibilidade de uma invasão estrangeira na Amazônia, ou mesmo da exploração surreptícia da mesma, sem a conivência de elementos do nosso Governo.

Outros, alarmados com a densidade de população de nossas capitais, querem usar a Amazônia para a relocação de massas humanas. Isso contraria a tendência natural das migrações, como bem o mostrou Mário H. Simonsen no seu livro "Brasil 2001": o fluxo natural é da Amazônia para as cidades e não vice-versa. Ocupação maciça da Amazônia, só pela força.

O Brasil tem extensões territoriais imensas onde a agricultura pode ser implantada sem a necessidade de destruir florestas. Temos o cerrado do nosso Planalto Central e toda a região do nosso Nordeste. Nessas regiões, a agricultura é mais fácil e mais econômica do que no Amazonas, exceto no primeiro ano após o corte das árvores, quando há uma grande fertilidade nesta última zona. Destruir florestas para ganhar um ano de fertilidade é, patentemente, um desperdício.

A ecologia do Amazonas é particularmente frágil. As florestas se mantêm exuberantes porque as suas profundas raízes constantemente bombeiam para a superfície os nutrientes lixiviados pelas chuvas. Com isso, produzem folhas e frutos que, ao cair ao chão, formam o húmus que atrai os agricultores. A fertilidade é efêmera; interrompido o ciclo de bombeamento pelo corte da floresta, em tempo surpreendentemente curto, o terreno vira areia, o precursor do deserto.

Há ainda o perigo das endemias. Na Amazônia, não há xistossomose apesar de lá existir o vetor humano: o nosso nordestino. O caramujo, necessário à transmissão da doença, não sobrevive bem nas águas ácidas da região. Fertilizantes químicos alcalinizam as águas, causando uma expansão da po-

pulação de caramujos e um conseqüente surto da doença.

A destruição da Floresta Amazônica poderia vir a ser uma catástrofe ecológica de âmbito mundial, pois poderia afetar o clima global do planeta. Isso tem a ver com a quantidade de dióxido de carbono na nossa atmosfera.

Por volta de 1850, a concentração de dióxido de carbono no ar andava entre 270 e 290 partes por milhão (ppm); ela agora atinge 330 ppm. O progressivo aumento no teor desse gás tem sido observado cuidadosamente, desde 1950, pelo Observatório de Mauna Loa, no Havaí. Nos últimos 20 anos, ele aumentou de 315 para 330 ppm, um aumento que se está acelerando recentemente.

O crescimento no teor de dióxido de carbono atmosférico é motivo de preocupação; ameaça ele mudar desfavoravelmente o clima do planeta.

Os cientistas ainda não têm uma idéia muito clara das fontes de dióxido de carbono. Vulcanismo faz uma contribuição insignificante, e a queima de combustíveis certamente produz bem menos gás do que a oxidação do húmus e a respiração das plantas.

O papel mais importante no controle do teor de dióxido de carbono a curto prazo é a fotossíntese que fixa anualmente dez vezes mais CO2 do que se produz pela queima de combustíveis fósseis. Embora plantas fixem aproximadamente a mesma quantidade de carbono do

que as florestas, a destruição destas últimas libera enormes massas desse elemento, fixadas anteriormente. Essa parece ser a maior causa do aumento secular de CO2 mencionado anteriormente.

O aumento de dióxido de carbono no ar resulta numa elevação da temperatura do planeta porque esse gás é opaco ao infravermelho e atua como isolante impedindo o resfriamento da Terra. Com o aumento da temperatura dos oceanos, diminui a solubilidade do CO2 nos mesmos, e o teor desse gás na atmosfera sobe ainda mais. Há, pois, uma realimentação positiva que exacerba o fenômeno.

Deparamo-nos, pois, com uma difícil situação. Temos riquezas imensas de madeira na Amazônia, mas não podemos usá-las, dados os perigos ecológicos para o mundo todo. É nossa responsabilidade evitar uma catástrofe mundial, mas essa responsabilidade deve ser compartilhada pelos demais beneficiários em outras áreas da Terra. Para nós, a manutenção das florestas representa um sacrifício econômico. Deveríamos negociar com o resto do mundo um ressarcimento correspondente.

Nota: A palavra "surreptício" não está no Aurélio. No entanto, ela é de boa linhagem: Surripo, surripere, surreptus. Vamos enriquecendo a língua.

Aldo Vieira da Rosa é físico, oficial da Aeronáutica na reserva, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade de Stanford, nos EUA.

